

---

Jerónimo Xavier de Sousa Pontes

WP/CEAUP#2008/02

**Sum Fâchiku Stockler  
no Contexto da Poesia São-  
Tomense do Século XIX\***



CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS  
UNIVERSIDADE DO PORTO



Na contribuição do Stockler para a compreensão do universo cultural e literário são-tomenses, é evidenciada a exaltação das suas ideias iluministas e academicistas. O autor é aluno, por excelência, da Escola Ultra-romântica Portuguesa dos finais do Séc. XIX.

À semelhança de Caetano da Costa Alegre, Marcelo da Veiga, Herculano Levy, Florbela Espanca e António Nobre – Stockler transpõe para a literatura os seus dramas psicológicos, exteriorizando os seus mais profundos sentimentos. Em relação a muitos escritores do seu tempo, utiliza o iluminismo para denunciar as práticas menos correctas, exaltando a perfeição e a ética. Ironiza a utilização da mulher como mero objecto sexual; a questão da estratificação dos angolares e a incompetência do governo colonial, em fazer chegar a administração à totalidade das ilhas.

Como ninguém, como nenhum outro são-tomense do seu tempo, Stockler preocupa-se com a educação, como o único meio civilizador, acerca da qual fez um discurso bastante eloquente no 1º dia de aulas, dirigindo-se aos alunos e aos pais e encarregados de educação, sobre os benefícios da escola, baseados na espiritualidade.

Sobre a valoração literária em Stockler, uma certa crítica coloca-lhe o cliché “POETA CRIOULO”. Então, a partir daí limitam-se a tratá-lo assim, quando, na verdade, é um POETABILINGUE, tendo produzido tanto em Crioulo (Lungwa Santomé) como em PORTUGUÊS.

Stockler demonstrou ser um bilingue perfeito, longe dos preconceitos da valoração linguística, sobre os quais é designado “poeta crioulo”

in Stockler contribution to the understanding of the Sao Tomean cultural and literary universe stands out the exaltation of his enlightened and academicist ideas. He is an excellent example, of the School of Ultra-romantic Portuguese end of 19th century. Similarity to Caetano da Costa Alegre, Marcelo da Veiga, Herculano Levy, Florbela Espanca and Antonio Nobre, Stockler transfers psychological dramas to the literature, opening up his deepest feelings. Compared to many writers of his time, Stockler enlightenment is a vehicle to denounce the less correct practices, exalting perfection and ethics. He adopts an irony approach to the role women as mere sexual object: to the issue of the stratification of the angolares and to the incompetence of the colonial government to the administration to all the islands.

More than anybody, more than any São-tomeane of his time, Stockler is concerned with education as the only civilizing path, a topic he addresses in quite an eloquent speech at the first day of classes, directing himself to the students, parents and guardians about the benefits of the school, based on spirituality.

As for Stockler literary value, a certain criticism assigns him the cliché “Creole poet.” From that moment on, he is simply called that way he is actually a bilingual poet, who produced both in Creole (Lungwa Santomé) and Portuguese. Stockler as proved to be perfect bilingual, despite the prejudicial linguistic label “Creole poet” he received.



# Índice

- Quem é Francisco Stockler na História da Literatura São-Tomense?
- A contribuição de Francisco Stockler para a compreensão do universo cultural e literário são-tomense
- O preconceito, a problemática da valorização na produção literária: os clichés/A Língua Própria/A Própria Língua
- Conclusão
- Bibliografia

## Quem é Francisco Stockler na História da Literatura São-Tomense?

Francisco Stockler, filho de Ignácio Garção Stockler (natural da Bahia) e de Lourença da Graça Costa, nasceu na ilha de S. Tomé em 1834, educado em Lisboa. Concluiu o curso do Liceu Nacional e matriculou-se na Escola Politécnica; nomeado professor público, teve que regressar à pátria para tomar posse deste cargo. Faleceu no dia 2 de Janeiro de 1881 em S. Tomé, com apenas quarenta e sete anos de idade. Há bibliografia em que o mesmo aparece como Francisco Garção Stockler, talvez por o pai possuir o apelido Garção, mas às vezes é também citado como Francisco Pinto Stockler. Pela coincidência do apelido “Garção”, ficamos sem saber exactamente se é ou não a mesma pessoa.<sup>1</sup>

Os seus amigos em (Amândio César: 1968), num artigo publicado nesta data, tecem um grande elogio em torno do autor. Referem tratar-se de um

talentoso robusto, (pois) conhecia as línguas, francesa, inglesa e espanhola; - versando em literatura, escrevia primorosamente. Era também poeta.

As suas obras nunca viram a luz de publicidade, a não ser um ou outro fragmento em alguns jornais da capital, e ultimamente uma breve notícia sobre os Angolares, pequena mas pitoresca povoação ao oeste da ilha, publicada no número 10 d'As Colónias Portuguesas. (César, Amândio: 1968)

Do seu espólio, foram encontrados poemas dispersos, alguns sobretudo escritos em *crioulo-forro* da ilha de S. Tomé, publicados no *Novo Almanach de Lembranças Luso-brasileiro*, nos anos 80 do séc. XIX, e outros, na *História Etnográfica da ilha de S. Thomé* (1895), de António Lobo de Almada Negreiros.

Nesses poemas, o autor exalta as belezas da ilha (a vegetação e fauna) e os desconcertos

da sua vida e do mundo. Em *Equatoriaes* (1896), também de António Lobo de Almada Negreiros, o poeta realça todo um memorialismo gerado na vivência da ilha de S. Tomé.

Para os seus amigos e admiradores, num artigo publicado sobre o seu percurso literário, estes poemas parecem ser (as suas) primeiras manifestações literárias de/sobre São Tomé e Príncipe.

Sobre a excelência dos seus trabalhos, dizem ainda os seus admiradores: “era nosso amigo e mestre; em nosso poder tivemos muitas produções da sua pena tão cintilante como imaginosa, e entre elas estas oitavas, que parece terem sido feitas sob o impulso duma paixão amorosa”:

*Ó beleza d' Ultramar  
Do Eterno almo primor!  
Quem pode sem te adorar,  
Ver-te assim...sonora flor!  
Quem pode ver a expressão  
Do teu peregrino olhar...  
Sem sentir o coração  
De cego amor palpitar?*

*Ó rainha do equador  
Mimosa filha de Deus!  
És d'África o esplendor  
A estrela dos líbios céus!  
Teu rosto que o Criador,  
Formou com tão sábia mão,  
Embora de baça cor  
É o primor da criação!*  
(César, Amândio: 1968) (In Novo Almanach de Lembranças Luso-brasileir 1885)

Nestas duas oitavas, o sujeito poético mostra-se assumidamente um lírico. Rompe com o modelo canónico da beleza da mulher branca, à semelhança de Camões em *Aquela cativa*, e elege, em tom suplicante, a beleza

ultramarina/africana, exteriorizando os seus mais profundos sentimentos, à moda dos poetas medievais, – rebuscados do romantismo. É dele, por exemplo, os versos:

"Ó beleza d'Ultramar/  
Do eterno almo primor" (vv.-1-2)  
ou ainda,

"Ó rainha do equador/  
Mimosa filha de Deus" (vv-9-10).

A beleza d' Ultramar, na perspectiva do poeta, é manifestamente superior a qualquer outro tipo de formosura; pois é d' África o esplendor. A pessoa amada é de raríssima beleza e perfeição, somente comparável a uma obra de arte, cinzelada pelas próprias mãos do Criador – Mãos Divinas.

À semelhança da generalidade dos poetas ultra-românticos, tais como Almeida Garrett, Florbela Espanca, António Nobre, Caetano da Costa Alegre, etc., Francisco Stockler coloca tal-qualmente as razões do coração no centro das suas atenções, em vez do racionalismo. O seu ego constitui a única paisagem que lhe interessa, de tal forma que a natureza se lhe afigura mera projecção do seu mundo exterior, como se poderá verificar nos versos "És d'África o esplendor/A estrela dos líbios céus" (vv.-11-12). Uma das características da poesia ultra-romântica em Francisco Stockler, estará ligada à melancolia mórbida, expressa, principalmente, num dos seus poemas em crioulo-forro de S. Tomé. Nesse poema, a cadeia *locus horrendus* é um espaço de exílio, único lugar disponível para a sua consolação; ao mesmo tempo um *locus amoenus*:

Sun Fâchico Estoclê  
Tomá cádjá fé lóça d'ê,  
Chimiá baná, chimiá cáfê,  
Fotchi só cu çá di pá d'êcê (padicê)?

A cadeia, para qualquer época, é uma representação simbólica do *locus horrendus*. Simultaneamente um *locus amoenus* – espaço de repouso

para a sua alma atribulada, longe do convívio dos homens.

Francisco Stockler escreveu também em prosa. Dessa modalidade, destacam-se os mais sugestivos trabalhos:

- A Chegada de S. Ex.<sup>o</sup> o Governador da Província;
- Pais de Família;
- Os Angolares;
- O Povo dos Angolares.

Nestes textos, o escritor mostra-se bastante entusiástico, realista e sobretudo assaz severo nas suas afirmações. Relativamente aos angolares, de acordo com a visão da época, Stockler considera a existência desse povo uma autêntica abominação, só comparável a um "excremento". Refere uma série de práticas reprováveis no seio dessa comunidade, chegando a acusá-la de propositada exclusão social e cultural. Stockler não se conforma do facto de os angolares odiarem visceralmente a escola. A escola era considerada, na comunidade Angolar, inimigo número um, porque era a partir daí onde se praticava a escrita, a provável fonte de todas as deliberações emanadas pelas autoridades coloniais – uma autoridade sem qualquer legitimidade, na perspectiva dos angolares que se consideravam independentes. Efectivamente, todas as admoestações feitas, com recurso a coerção física e psicológica, eram-lhes transmitidas, por escrito, através dos respectivos representantes. Por isso aprender a ler e a escrever era visto, na comunidade angolar, como uma afronta.

Como prosador, Stockler apresenta-se como um primoroso e atento cronista a João de Barros. O exemplo desta constatação, são estes pequenos excertos sobre a chegada do Governador Luiz José Pereira e Horta a ilha; OS PAIS DE FAMÍLIA e O POVO ANGOLAR.

Sobre a *Chegada do Governador de S. Tomé*, escreve Stockler:

No dia 6 do corrente, pelas 10 horas da manhã che-



gou a esta ilha, no vapor África, o Exm<sup>o</sup> Sr. Luiz José Pereira e Horta, Governador-geral d'esta Província, trazendo em sua companhia sua Esposa, e como Ajudante d'Ordens, o Sr. Vicente Frederico Scarnichia, (cujas bôas qualidades já houvemos, em outro tempo, occasião d'avaluar, quando aqui estive de primeira vez como Ajudante d'Ordens do defunto Governador Pessôa). (César, Amândio: 1968)

Em *Os Pais de Família* Stockler utiliza o dia da abertura do ano lectivo para chamar a atenção dos pais, dos seus deveres para com os filhos, da importância da escola para o seu desenvolvimento futuro; da problemática do prémio e do castigo, quando merecidos. Dá a conhecer o seu método de ensino, assim como a *importância da Doutrina de Cristo*, quando refere:

Da Divina Doutrina de Chrysto, as quaes pouco e pouco procuro introduzir-lhes no espírito e no coração são prontamente por elles acolhidas na memoria; se cometto defecar esse espírito jovem das immundicies que a ignorancia e porventura a bruteza n'elle embeberam, taes como: o fanatismo, a superstição, a Theofobia exagerada, não aquella nascida da Charidade, que n'estas infelizes plagas tão ignota é, mas aquella que nasce do temor dos relampagos, do terror dos raios, em fim do convencimento Tehocracia<sup>3</sup>. (César, Amândio: 1968)

A religiosidade em Stockler assenta-se na fé e na compreensão do mundo circundante – não ao serviço da cega obediência. Para ele, a Teofobia<sup>4</sup> excessiva e o fanatismo religioso devem ser combatidos pela candura e pela compaixão, como terá ficado demonstrado em *os Pais de Família*.

Para o contexto desta análise, o humanismo em Stockler vem à tona, enquanto visão do mundo centrada na ideia do valor essencial e, supremo do homem, em oposição às teorias que privilegiam a Natureza, a realidade física ou concreta.

No que toca aos *Angolares*, afirma Stockler o seguinte:

A oeste d'esta ilha, môrmente habitada por africanos civilizados e de uma índole mansa e pacífica, existe uma horda de selvagens, uma excrescencia social; de pedregulho problematico, na ordem geo-

logica; de status in statu, na ordem politica, como pôde conceber-se insula in insula, na ordem geographica; uma lacuna administrativa de séculos; um erro chronico de officio da governação publica; uma cousa extranha e insolita na historia universal das colonias; um desaire e uma vergonha para a nação portugueza, chamada aqui, «povo de angolares». (César, Amândio: 1968)

Para Francisco Stockler, há duas espécies de africanos: africanos civilizados, que eram “de uma índole mansa e pacífica”; africanos considerados “uma horda de selvagens, uma excrescência social”.

Aqui, penso que Stockler terá utilizado a descrição da miserável situação de vida dos angolares, para mui sub-repticiamente satirizar o próprio Estado Colonial Português, totalmente demitido das suas reais obrigações, deixando uma parte do território sob a sua jurisdição na mais elementar ignorância e desprezo. Não ignoremos também os laivos de preconceito do autor em certas passagens do texto, embora cunhadas de um grande realismo – uma das características da literatura da época.

## A contribuição de Francisco Stockler para a compreensão do universo cultural e literário são-tomense

Num dos seus poemas, como que praguejando, queixa Stockler da sua solidão, pois sentia-se mal-amado, sendo este detentor de um numeroso grupo de mulheres na sua posse:

*Vintchi muala Gabon*

*Tlinta Ngola*

*Qu'n tē ni qué*

*Nea ná scá ièn fàn<sup>o</sup> (César, Amândio: 1968)*

Estes versos dão-nos a noção clara de como a poligamia era exercida com toda a naturalidade em S. Tomé. As escravas eram compradas, por isso um homem abastado podia possuir o número de mulheres que quisesse. Mas pela religiosidade demonstrada por Stockler em PAIS DE FAMÍLIA, a asseverada crítica aos costumes dos ANGOLARES, quando descreve minuciosamente os seus hábitos e costumes, não me parece crível ser uma realidade do próprio escritor, mas uma forma velada de satirizar certos comportamentos enraizados no quotidiano são-tomense ao longo dos tempos.

No plano ideológico, Stockler levanta questões bastante pertinentes, quer no âmbito da prosa quer no da poesia. Isto porque, sendo este praticamente coevo de Caetano da Costa Alegre e de Marcelo da Veiga, por que razão não se sente incomodado, expressando-se manifestamente tanto em crioulo como em português? Vê na civilização ocidental um modelo irreprensível, paradoxalmente a barbárie a que estavam submetidos os angolares, classificados de adversos ao saber livresco, satirizados através da expressão *Otium sine litteris mors est*, uma citação de Séneca, na qual Stockler evidencia a obstinação desse povo em relação ao ensino-aprendizagem.

Em Stockler, os textos, tipo crónica, revestem-

se de conteúdos bastante interessantes que nos ajudam a compreender melhor certos fenómenos culturais do nosso país, talvez, até de questionarmos o momento actual.

A preocupação com o social na prosa stockleriana é sentida na poética de Marcelo da Veiga, com uma elaboração bem distinta.

Com Caetano da Costa Alegre e Marcelo da Veiga, passam a constituir o grupo dos primeiros cultores são-tomenses de um romantismo decadente, pertencentes a escola ultra-romântica. Entretanto, pese embora convirjam no plano lírico, distanciam-se do Caetano, o único que não levanta preocupações sociais evidentes, no âmbito da sátira. Marcelo da Veiga, para além de nos apresentar a sua faceta ultra-romântica, realça-nos também a sua vertente satírica, preocupando-se com o político e com o social.

Na perspectiva de Marcelo, em *Ossobó*, a literatura sairia mais prestigiada, se exercida na Própria Língua. Sugere então que, na Própria Língua, a mesma gozaria de maior liberdade. - É uma questão, no meu entender, polémica, sem dúvida, o exercício da literatura na Própria Língua pelo menos no caso são-tomense. Fê-lo Francisco Stockler. Mas como a alfabetização não é feita na designada Própria Língua, penso que a necessidade de recorrer à Língua Própria, a consagrada, a canónica - a Língua Portuguesa - é um facto inegável.

Ora, tomando em consideração a posição de Francisco Stockler em relação a todos os outros poetas são-tomenses, como Caetano da Costa Alegre, Marcelo da Veiga, Alda do Espírito Santo, Francisco José Tenreiro, Manuela Margarido, Tomás Medeiros e outros, poder-

se-á inferir que os poemas de Stockler, os escritos na Própria Língua, não passarão de simples exercício do exotismo, na perspectiva de uma certa crítica. Por isso, do ponto de vista valorativo, os poemas de Stockler, em crioulo forro, são implicitamente conotados de poesia menor, embora de uma excelsa beleza e construção, como ilustra o exemplo abaixo:

*QUÁ MANDÁ BO SCÁ FUGI MUN?*

*Quá mandá bô scá fugi mun?*

*Quá mandá (bô) bá condê?*

*Chi (bô) fê achi pá'n quêcê,*

*Ça machi qu'n scá lemblá bô.*

*Ch'in glává bô, quêcê glavu.*

*Pódá póbli pēcadô,*

*Píá (mó) Santu Slavadô*

*Pódá San Pédu cu négá Sun.*

*Máchi boá Dēssu matá mun*

*Dô (quê) pēna cu'n çá nê...*

*(Quê quá) Cu'n fê bô, quá cu nôn tê,*

*Quá mandá bô scá fugi mun?*

*Melhô'ngá (môlê) ua vê*

*(Dô) qui óla cu'n pledê bô!*

*Quá bô tê no mē d'óbó?*

*Quá mandá bô bá cōndê?*

*Máchi bô lentlá n'óbó,*

*Máchi cu bô scá fugi mun?*

*Máchi cu bô scá puni mun,*

*Çá machi cu'n scá lemblá bô...<sup>6</sup>*

Este poema remete-nos para um amor impossível. O sujeito poético sente-se rejeitado, por isso prefere a morte ao sofrimento.

Ora, há pelo menos dois ou mais séculos que se escreve no crioulo são-tomense. Mas o mesmo nunca foi considerado língua de ensino, pois a resistência, até hoje, vem de todas as latitudes.

\* os crioulos não eram nem são ensinados nas escolas

- versão oficial – parece não haver estímulos nem quadros especializados para a implementação dessa tarefa. Não há qualquer

interesse, pelo menos, na promoção do crioulo, isto porque, se o português que é muito mais velho no nosso sistema de ensino está a um nível deveras calamitoso, de que seria da introdução do crioulo, sem qualquer investimento oficial?

- versão cultural – língua sem gramática. Língua dos atrasados. Língua dos forros.

\* Para compreendermos estas duas versões sobre a institucionalização dos crioulos como língua de ensino, analisemos em primeiro lugar a constituição étnica dos dirigentes políticos e culturais santomenses, pós independência: uns são *tongas*; outros, *angolares*, *forros*, *cabo-verdianos*, *mulatos*, *brancos*, etc, etc.

\* Qual deles estaria interessado, de facto, em aprender uma língua supostamente de domínio, situada logo a seguir ao português?

A questão que se põe, é que, se o crioulo não era ensinado nas escolas, se do Veiga ou do Caetano, praticamente não se lhes conhece qualquer produção nessas línguas, como terá Stockler exprimido, tanto em crioulo como em português?

Por que razões terão ficado, praticamente, escamoteados os seus belíssimos poemas, os preferencialmente escritos na Língua Portuguesa, totalmente ausentes do programa de ensino da Língua Portuguesa quer no Ensino Básico quer no Secundário? Haverá alguma data marcante ou qualquer outro tipo de efeméride em que se assinala o nascimento ou morte desse autor?

Pelos seus versos, ficamos a saber que Stockler é um bilingue perfeito. Por educação ou por convicção, não se sabe. Porque naquela altura, quem ousasse exprimir-se em crioulo, mesmo a esse nível, à semelhança do que ainda acontece actualmente, não passaria de simples exercício do exotismo?

Tudo isto levar-nos-á a interrogar, se será o crioulo, no contexto dos estudos linguísticos, uma língua meramente exótica, ou aquela que



cumpra as funções a que se assiste a qualquer língua natural quanto à competência e à performance.

Parece-me que a ausência, quase total, de formação no domínio da crioulista, no caso são-tomense, ainda se prenderá com um certo recalçamento, levando-nos a não assumir em pleno a nossa crioullidade, situação há muito ultrapassada por Cabo-Verde.

Vejam os mais alguns exemplos da poesia stockleriana em crioulo-ferro:

*DUAS QUADRAS*

*Sun Fâchico Estoclê*

*Tomá cádjá fê lôça d'ê,*

*Chimiá baná, chimiá cáfê,*

*Fotchi só cu çá di pá d'êcê*

*P'lo castígu clupa mun*

*Basta vida cu'n çá nê*

*Cu cujân sê fôgû nê*

*Cu gibêla sem vintê!*<sup>8</sup>

Este poema é mais um retrato da sua desassossegada vida. Expresso em crioulo e traduzido para o português não limitou a sua importância literária.



## O preconceito, a problemática da valoração na produção literária: os clichés/A Língua Própria/A Própria Língua

O preconceito no uso da língua crioula em ocasiões formais é um problema dos povos colonizados assimilados; uma espécie de burro com a pele de leão. É o próprio colonizado que se sente mal perante a sua própria cultura, em vez de a cultivar, valorizar. Por isso a problemática da valoração literária (avaliação ou emissão de juízos de valor) não é posta ao nível da própria organização textual quanto à forma ou quanto ao conteúdo, mas sim na sustentação da ideologia veiculada na literatura colonial, baseada no etnocentrismo. Daí que, estes enunciados, porque produzidos na língua do colonizado, embora não sejam considerados indigentes, na verdade, o seu valor literário não terá, no plano real, a mesma equiparação. É assim que, por vezes, numa sociedade pequena como a nossa prevalece o rótulo “Francisco Stockler poeta crioulo”.

Então, é necessário contextualizarmos o crioulo quer no plano sincrónico quer no plano diacrónico, a fim de sabermos, por que razão o mesmo, ainda hoje, não goza o estatuto de uma língua oficial, de ensino, da comunicação social em toda a sua plenitude. Efectivamente, o crioulo surge num contexto histórico-cultural ligado ao indigenismo. Mas no séc. XIX, é designado por Adolfo Coelho de DIALECTOS NOVILATINOS. Pois naquela altura acreditava-se ser uma continuidade do latim, uma extensão ou ramificação do português. Esse engano é mais tarde corrigido, porque se o próprio português não é uma continuidade do latim, que fará os crioulos produtos da fusão de duas ou mais línguas – tendo na sua génese sempre uma ou várias línguas de substrato e outras de superstrato.

E como o crioulo nunca se prestigiou em convívio com o português, por razões óbvias, terá esta componente linguística relegada exclusivamente ao plano inferior. Então, a literatura, que em vez de se valorizar, indo buscar aspectos até certo ponto, idiomáticos, dificilmente traduzíveis para qualquer outra língua, desvaloriza-se, tornando incipiente a aprendizagem na língua de ensino, gerando interferências de todo o tipo.

É neste contexto que Francisco Stockler se nos apresenta como um dos mais importantes cultores da nossa literatura, pois soube sê-lo na Própria Língua e também na Língua Própria. Enfim, a incongruência no facto de o adjectivo próprio nos remeter para aquilo que pertence a alguém; algo privativo; peculiar; adequado, torna a análise ainda mais complicada, porque não se consegue estabelecer balizas quanto à classificação linguística do falante são-tomense: será, no geral, bilingue, unilingue, ou uma outra variante que não chegue a ser nem uma coisa nem outra?

Mas temos que reconhecer que o estatuto do crioulo é de facto inferior ao do português por razões endógenas, pois o país já há 30 anos independente, não há qualquer linguista com ou sem especialização na área. É também por razões exógenas pois, segundo (Ana Maria Martinho: 1997), desde 1927 já havia o ensino nas línguas autóctones nas colónias inglesas, o que o governo português não terá conseguido implementar.

Stockler passa, assim, a estar ligado ao galicismo cliché “poeta crioulo” – ideia ou conceito muito divulgado ou repetido. Então, sendo os clichés uma facilidade para atingirmos os



¶ins sem termos em conta os meios, Francisco Stockler, o primeiro prosador da ilha, poeta de singular valor da nossa literatura, no circuito literário são-tomense, é considerado exclusivamente poeta crioulo de S. Tomé, quando, na verdade, é um poeta bilingue, cujo enquadramento reclama.



# Conclusão

Este trabalho tem como função promover debates em torno da poética stockleriana, no contexto da literatura são-tomense do séc. XIX. Um outro propósito implícito neste trabalho, é de realçar certas especificidades da literatura são-tomense daquela época, a partir da desambiguação de uma incongruência linguística chamada bilinguismo.

Assim, os são-tomenses, de uma maneira geral, poderão informar-se e aprofundar os seus estudos nesses domínios.



# Bibliografia

AGUIAR E Silva, Victor Manuel de; *Teoria da Literatura*, 8ª Edição (8ª reimpressão), Volume 1, Livraria Almedina, Coimbra 1994

CALDEIRA, Arlindo Manuel; *Mulheres, Sexualidade e Casamento no Arquipélago de São Tomé e Príncipe* (sécs. XV a XVIII), Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Avenida Infante Santo, 68, 5º – F, Primeira edição – 1997, 1350 Lisboa

CÉSAR, Amândio; *S. Tomé, Presença do Arquipélago de S. Tomé e Príncipe Na Moderna Cultura Portuguesa*, 1968; Francisco Stockler (Recolha e tradução de José Brandão Pereira de Mello, in “O Mundo Português” – 1946, nºs 3/4)

COSTA ALEGRE, Caetano; VERSOS; *Escritores dos Países de Língua Portuguesa*, 9, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1991

VIEGA, Marcelo da, *O Canto do Ossôbó*, Editor ALAC – África, Literatura, Arte e Cultura, Lda, Av. Dom Pedro V, 11 – 2º Dto; 2795, Linda-a-Velha, Rua Ilha do Pico, 3-B-Pontinha-1675, Lisboa

MIRA, Feliciano de (Org); Mazula, Brazão; Medeiros, Eduardo; Golias, Manuel; Ismael, Abdulcarimo; Dimande, Mateus; Martinho, Ana Maria Mão-de-Ferro; *Educação, Empresas e Desenvolvimento em Moçambique*, PENDOR, Editorial, Portugal (1997)

SANTO, Carlos Espírito; *Torre de Razão* 2, Lisboa, Cooperação, 2000

MOISÉS, Massaud; *Dicionário de Termos Literários*, Editora Cultix Lda, São Paulo, 1ª Edição, 1974; 2ª Edição, 1978; 3ª Edição, 1982; 4ª Edição, 1985; 5ª Edição, 1988; 6ª Edição, 1992; 7ª Edição, 1995

NEGREIROS, António Lobo de Almada; *História Ethnográfica da Ilha de S. Thomé*, Antiga Casa

Bertrand; José Bastos, Lisboa 1895



# Notas

\* Dedico este trabalho ao Dr. Frederico Gustavo dos Anjos o meu único mecenas, em honra ao nosso ilustre compatriota, Francisco Stockler. Sem este apoio, esta tarefa teria sido de difícil execução!

<sup>1</sup>.Espírito Santo, Carlos, Torre de Razão 2, p. 37

Idem, p. 37

Idem, p. 39.

Idem

Idem, pp. 42-43.

<sup>2</sup>.Tradução (conforme o original)

O senhor Francisco Stockler

Faz da cadeira (cadeia) a sua roça,

Semeou bananas e café

Mas só é rico de (em) sofrimentos

<sup>3</sup>.Preponderância do clero no governo de uma nação; regime político de um país em que o poder, considerado como uma emanção da divindade, é exercido pelos sacerdotes. (cf.

Dic. Língua Portuguesa, Porto Editora, 8ª Edição revista e actualizada, p. 1582, Porto Editora, 1999)

<sup>4</sup>.Aversão a Deus ou às divindades. (idem)

<sup>5</sup>.Tradução

Vinte mulheres do Gabão

Trinta de Angola

Que tenho em casa

Nenhuma me agrada. (Negreiros, 1895: 348)

Nota: Citando (Caldeira, 1997: 90) – uma versão mais extensa, grafada com algumas diferenças e atribuída ao poeta Francisco Pinto Stockler (1839-1884) é apresentada por Gaulme: «Vintxi muala gabów, tlinta n'gola/Cu'n tē ni qué, mā na scá iē um fã/Sélá sam Catxina/Dêdê-mu, punda dêçu, bili pótó da mu» (Tenho em casa vinte mulheres [do] Gabão, trinta Ngola/Nenhuma delas me agrada/A não ser Sam Catxina (Senhora Catarina) /Meu amor, por Deus, abre-me a porta) (1985: 422)

<sup>6</sup>.Tradução

Por que foges daqui (de mim)?

P'rá que te vás esconder?

Se o fazes p'ra te esquecer

Mais me lembrarei de ti.

Se te ofendi, aqui estou,

Dá perdão ao pecador,

Vê o exemplo do Senhor

Que as ofensas perdoou.

É melhor a morte, sim,

Do que viver a penar...

Se fiz mal só por te amar,

(Por que) foges tu de mim?

Mata-me antes (sei morrer

Por minhas culpas) sem dó,

Por que foges para o obó,

Por que te vás lá esconder?

Para que foges daqui (de mim),

P'rá que te vás esconder?

Se é para eu te esquecer,

Mais me lembrarei de ti.

<sup>7</sup>.Tradução

O senhor Francisco Stockler

Faz da cadeira (cadeia) a sua roça,

Semeou bananas e café

Mas só é rico de (em) sofrimentos.

<sup>8</sup>.Tradução

Para mal dos meus pecados

Vivo bem atrapalhado:

Em casa o fogo apagado

E a algibeira sem vintém!



**Autor:** Jerónimo Xavier de Sousa Pontes

**Título:** Sum Fâchiku Stockler - No Contexto da Poesia São-Tomense do Século XIX

**Editor:** Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto

**Colecção:** e-Working Papers

**Edição:** 2ª (Fev/2008)

**ISBN:** 978-989-8156 -02-0

**Localização:** <http://www.africanos.eu>

**Composição:** CP

**Referência bibliográfica:**

PONTES, Jerónimo Xavier de Sousa. Ano. Sum Fâchiku Stockler - No Contexto da Poesia São-Tomense do Século XIX. In e-Working Papers CEAUP. ISBN: 978-989-8156 -02-0. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. <http://www.africanos.eu>

**Preço:** gratuito na edição electrónica, acesso por importação.

**Solicitação ao leitor:** Transmita-nos ([ceaup@letras.up.pt](mailto:ceaup@letras.up.pt)) a sua opinião sobre este trabalho.

©: É permitida a cópia de partes deste documento, sem qualquer modificação, para utilização individual. Não é permitida qualquer utilização comercial. A reprodução de partes do seu conteúdo é permitida exclusivamente em documentos científicos, com indicação expressa da fonte. Não é permitida a sua disponibilização através de rede electrónica ou qualquer forma de partilha electrónica. Em caso de dúvida ou pedido de autorização contactar directamente o CEAUP ([ceaup@letras.up.pt](mailto:ceaup@letras.up.pt)).